

Educação Popular em Economia Solidária

José Francisco de Mello Neto.

Introdução

É notória a situação em que vivem trabalhadores e trabalhadoras em todo mundo, em decorrência da onda de desemprego e do avanço das tecnologias criadas e reorientadas para interesses, nada coletivos, sob o controle do atual modo de produção capitalista que se baseia na acumulação de capital, na propriedade privada e no endeusamento do mercado. Um modo de produção que impõe, a cada dia, mais exploração humana. Por sua vez, à classe trabalhadora resta organizar as relações sociais e produtivas com outras perspectivas entre os humanos e estes com a natureza, sendo que o movimento da *economia solidária popular*¹ vem se apresentando como um caminho rico de possibilidades. Mas, qual será o tipo de educação necessária para processos de produção, como o da “incubação”² de *empreendimentos solidários populares*?³ Pretende-se mostrar que, em processos de *incubação de empreendimentos solidários*, a *educação popular* é o fenômeno educativo que se apresenta mais intrínseco aos mesmos.

Adquirindo diferenciadas nomenclaturas, tais como economia solidária, economia de comunhão, sócioeconomia solidária, economia de proximidade, economia solidária popular e outras, estas diferenciadas abordagens vêm se apresentando, em todo mundo, em condições de assegurar sobrevivência e qualidade de vida à grande parte da população trabalhadora, às margens da riqueza social. Economia que se pauta por princípios definidos em vários encontros e que, apesar da diversidade de origem e de aspectos culturais, são marcantes:

- a valorização social do trabalho humano,
- a satisfação plena das necessidades de todos como eixo da criatividade tecnológica e da atividade econômica,
- o reconhecimento do lugar fundamental da mulher e do feminino numa economia fundada na solidariedade,
- a busca de uma relação de intercâmbio respeitosa com a natureza, e
- os valores da cooperação e da solidariedade⁴.

Estabelecido o consumo como algo determinante para as condições de se viver melhor, o trabalho e o emprego se tornam praticamente a única oportunidade de se ter recursos econômicos para o atendimento das necessidades das pessoas – aquisição de bens de consumo. Contudo, a dificuldade está na ausência desse emprego formal, além de que poucos têm tido condições de chegar aos reduzidos modelos que ainda aparecem, marcadamente atingindo a todos, em particular, jovens e mulheres. Inserem-se entre estes, aqueles com baixo nível de informação e de educação profissional,

¹ Economia solidária popular começa a constituir-se como um movimento internacional voltado às buscas de alternativas ao modelo dominante de economia, enfatizando a organização de trabalhadores e trabalhadoras em pequenos empreendimentos autogestionários, sendo a experiência da Usina Catende, em Pernambuco, uma de suas maiores expressões. No Brasil, um de seus formuladores teóricos mais importantes é o Prof. Paul Singer, atual Secretário da Secretaria Nacional de Economia Solidária, do Ministério do Trabalho (SENAES).

² *Incubação* - Ações educativas definidas por grupos de trabalhadores/trabalhadoras, reunidos em algum tipo de empreendimento produtivo, voltado à sua sobrevivência, incentivados por valores éticos como o diálogo e a solidariedade, sob o exercício da autogestão.

³ *Empreendimento solidário popular* – agrupamento de trabalhadores/trabalhadoras de número variados, voltado à produção coletiva de entes econômicos para o mercado, procurando a sua própria sobrevivência, vivenciando ações de processo de incubação.

⁴ Texto distribuído durante o V Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, 2005. A trajetória do Movimento da Economia Solidária no Brasil: do Fórum Social Mundial (FSM) ao Fórum Brasileiro da Economia Solidária.

aqueles com alguma necessidade especial e aqueles que apresentam dificuldade de integração social, provocando em todos escassa condição econômica, estando cheios, contudo, de fortes valores ideológicos liberais dominantes como o do trabalho individual e de busca de saídas, também, individuais. Pensar que é possível produzir para se viver e produzir em novas bases educativas apresenta-se com uma exigência educativa veiculadora de valores que sejam convites, também, para novas relações humanas.

Isto começa a aparecer nas práticas organizativas da *economia solidária popular* que transcendem as dimensões econômicas, pois atuam nas relações de colaboração entre as pessoas, educando-as em outros valores culturais. O humano passa a exercitar-se no papel de sujeito de sua própria história, ao invés de mera engrenagem do sistema. Com este vetor, pode tornar-se agente da caminhada para a autogestão⁵, expressão do encontro com os valores socialistas, em especial, a igualdade e a democracia (Singer, 2000).

Mas, esse processo de construção de empreendimentos que se exercita para autogestão e *pela economia solidária popular* vem se conduzindo por uma metodologia, entendida como filosofia mesma, já que engloba uma visão de mundo com valores éticos e morais específicos, buscando tornar-se um modo de civilização de vida com a hegemonia da sociedade direcionada para um outro projeto de sociedade.

Metodologia que precisa abranger aspectos de gestão do empreendimento, a consciência da necessidade de implicação de cada um, a conseqüente participação desses atores, e, sobretudo, motivadora às pessoas e ao grupo para que possam chegar ao sucesso de suas iniciativas econômicas por meio de dinâmicas apropriadas. Enfim, uma metodologia que aponte para práticas plenas de exercícios teóricos, promovendo o entendimento das transformações em curso, no campo político, econômico, social e cultural. Todavia, não estará toda esta orientação, expressando a expectativa filosófica freirena (Freire, 1983, 1987) de mudanças em processos educativos populares para a liberdade? Observem-se as exigências:

Cultura

A cultura, nesses processos ditos de incubação, isto é, de preparação educativa para modificar as relações humanas em grupos voltados à produção, resgata o *movimento* como categoria teórica norteadora para a sua própria compreensão, inerente a cada modo de produção, e elege o *trabalho* como referência básica em todo o processo. Esta é a dimensão conceitual nos marcos da produção traduzida por Álvaro Vieira (1979). A produção como expressivo parâmetro de universalidade ao considerar a sua presença em todos os tipos de grupos sociais, manifestada nos mais diferenciados rincões, ao longo de todo tempo da história humana. E aí, como produto do processo produtivo, cultura é uma criação do próprio homem. É resultante das diferenciadas formas de tentativas do humano no trato com a natureza material, na medida em que está sempre em luta pela própria sobrevivência. Os produtos daí gerados constituem-se todos como produtos culturais. Esses entes são frutos do processo produtivo e resultantes da dimensão manual e da dimensão intelectual do trabalho humana.

A produção tida como referência torna possível dessacralizarem-se as marcas ideológicas de outras visões de cultura, quaisquer que sejam, imputando aos mais aquinhoados o ter cultura e convencendo os 'excluídos' de que têm cultura aqueles que estiveram na escola, pura e simplesmente. Numa sociedade de pouco acesso aos bens conhecimento e aos bens econômicos, certas visões só aprofundam a 'apartação social', fortalecendo a dominação dessas elites.

Portanto, cabe aos que produzem os entes culturais - bens materiais e bens ideais - o resgate da posse de seu próprio processo de se tornarem humanos(as), enfatizando a dignidade do trabalho, edificando os vetores de sua própria libertação.

⁵ Gestão que consiste na autonomia do conjunto dos membros de empreendimento solidário popular (empresas e outros), de decidir sobre os destinos, os processos e os produtos do trabalho. Embasa-se no fim do assalariamento, na gestão democrática das atividades dos empreendimentos com implantação da democracia direta com o fim da hierarquia.

Assim visto, pode-se constatar que o desaparecimento do emprego revela a marca da evolução desse atual estágio do capitalismo. Mas, estará sendo questionada a centralidade ontológica do trabalho como fundante do ser humano? O trabalho centrado no ser humano continua presente em todas as formas de sobrevivência, desde que se expresse como condição de construção e realização de o homem tornar-se humano pelo trabalho. O trabalho como expressão da relação entre o humano e a natureza, em cujo relacionamento ele se materializa porque está cheio de natureza, enquanto esta humaniza-se como recorrência da realização desse trabalho sobre ela mesma.

Esta dimensão filosófica do trabalho, nos marcos da *economia solidária popular*, possibilitará o exercício do trabalho intelectual e manual problematizando, sistematizando e avaliando as experiências em empreendimentos voltados à valorização humana. Pelo exercício da problematização, os envolvidos em ações organizativas de projetos solidários populares passam a lidar com a subjetividade dos participantes por meio dos questionamentos de suas situações vividas. Pela sistematização, estarão encontrando as causas e as relações entre as situações presentes e o contexto maior, temporal e espacial, com o possível encontro de respostas aos seus porquês. Expõem-se os jogos de seus relacionamentos e se demarcam categorias de análises que qualificam as suas interpretações e as tomadas de decisão em suas tentativas autogestionárias. Pela avaliação do seu próprio desenvolvimento, tomam consciência dos desafios a serem enfrentados, definindo melhor os passos seguintes das ações nesses empreendimentos.

Trabalho

A cultura, nos marcos da produção, ajuda à compreensão da importância e da necessidade de que o trabalhador busque a superação de sua alienação dos produtos produzidos pelo próprio trabalho ou do trabalho alienado. Marx (1979: 89) já constatara que no capitalismo o trabalhador “afunda até um nível de mercadoria, e uma mercadoria das mais deploráveis; que a miséria do trabalhador aumenta com o poder e o volume de sua produção”. Destaca ainda que a competição estabelecida no capitalismo gera o acúmulo de capital em poucas mãos restaurando, dessa forma, o monopólio. Com vistas à superação dessa situação - o trabalho na dimensão da produção de mera mercadoria ou como atividade externa ao homem e gerador de riqueza - toma corpo o mundo humano ou a dimensão humana do trabalho, que surge como um elemento novo, com uma dimensão filosófica fundante, a ser inserida na sua formulação teórica, à medida que o trabalhador passa a relacionar-se com o produto de seu trabalho, novo ente de cultura, não mais de forma alienada.

Agora, o trabalho humano pode se mostrar como um sentimento de bem-estar e não mais de sofrimento, tornando-se um ato voluntário, não como ação imposta e forçada, desejoso de constituir-se como algo gerador de satisfação e de atender uma necessidade. Uma metodologia que procure com que o trabalho e seu produto passem a pertencer ao próprio indivíduo e aos demais trabalhadores. Um conceito de trabalho como expressão da relação do humano com a natureza, um processo em que o humano *gerencia* a sua ação, controlando o seu intercâmbio material com a mesma e transformando-a.

Esse movimento torna a existência natural do homem a sua própria existência humana. A natureza, por sua vez, também se manifesta humana para ele. Assim, a sociedade é a expressão do produto da união entre a natureza e o homem, realizando um naturalismo no próprio homem e um humanismo na própria natureza, constituindo-se como atitude profundamente pedagógica, podendo ser traduzida na *educação popular*.

Pedagogia

As visões de cultura e trabalho, no marco da produção e como expressão da criação humana, é fruto das complexas operações que o animal humano vem apresentando, historicamente, no trato com a natureza material e suas lutas para sobrevivência. Nessas relações, o humano descobriu a sua capacidade de aprender, firmando esse momento como o *fato pedagógico*. Essa possibilidade de aprendizagem mostra a sua efetivação em duas dimensões: de *forma espontânea*, em qualquer lugar, e de *forma reflexiva ou sistemática* quando se definem técnicas apropriadas na tentativa de se obter melhor

rendimento educativo. Repõe-se a perguntar: *qual é a educação que interessa aos trabalhadores e trabalhadoras nesse processo filosófico produtivo – em uma metodologia da incubação?* Talvez, o significado de educação em sua dimensão

espontânea. Mas, esta pode não se prestar para absorver qualquer experiência como se fosse educativa e, muito menos, do interesse dos oprimidos, na visão freireana. Há, inclusive, aquelas que se dizem ‘popular’, mas que promovem, por meio de técnicas discretas, a *inculcação do silêncio* nas mentes das classes despossuídas da sociedade, roubando-lhes a sua inerente capacidade de indignação. Então, poder-se-ia pensar no processo sistemático de aprendizagem. Aí, contudo, pode, também, tal qual no primeiro estilo de aprendizagem(formal) furtar-se ao estudo da realidade mesma, caindo em um mundo, meramente, contemplativo. Dessa forma, a pedagogia dessa aprendizagem, nesses tipos de organização da produção, enfatiza a *omnilateralidade* humana, sugerindo que a educação dos trabalhadores adquira ambas as dimensões. O exercício da crítica, mais presente na organização sistemática da aprendizagem, ajudará como instrumento de seleção daquilo que lhes interessa.

A condição de aprender - *o fato pedagógico* - terá maior adequação ao expressar a relação do humano com o mundo mesmo, baseada nas dimensões do *trabalho*. Este é o ponto de partida que parece necessário para uma educação que se pautar pelos interesses dos participantes dos *empreendimentos solidários populares*, considerando que o trabalho é a fonte de sua existência. Essa anterioridade concreta do mundo em processos educativos fundamenta-se no aspecto de que o conhecimento das coisas concretas, como ponto de partida, pode incitar as forças humanas à promoção de mudanças devido o seu alcance da promoção do conhecimento daquilo que lhe é mais próximo e contraditório.

São importantes as técnicas que ajudam esses trabalhadores/as a pensarem, agirem e descreverem o mundo, com base nas relações humanas e o próprio mundo, como expressão dialética de um movimento de análises e novas sínteses que externarão, possivelmente, através da história e da crítica, os anseios gerais ou locais das transformações necessárias. É uma relação de síntese do sujeito com o mundo; uma leitura assentada na *história* e instigada pelo difícil exercício da *crítica* ao outro e a si mesmo. Ora, um ambiente de aprendizagem autogestionária muito pode contribuir para tais exercícios.

Popular

Assim vistos o trabalho, a cultura e a pedagogia, pode-se visualizar a dimensão do *popular*⁶ como elemento e expressão dessa metodologia. O *popular* que supera a compreensão de que assim o é quando originário do povo ou dessas maiorias, de sindicatos, de associações, de movimentos sociais, de comunidades de base e, até mesmo, como sendo uma questão de consciência. *Popular* quando determinada ação arrasta consigo um procedimento que incentive a participação. *Popular* como sinônimo da própria prática com suas formas de relacionamento com o outro humano, expressando um cristalino posicionamento político e filosófico diante do mundo, trazendo consigo uma dimensão propositivo-ativa, voltada aos interesses das maiorias.

Como se ver, *popular* adquire plasticidade conceitual, exigindo definição que, rigorosamente, passa por movimentos dialéticos intrínsecos ao próprio conceito, inserido no marco teórico da tradição e atualizado para as exigências dos tempos de hoje. Dessa forma, é possível considerar as suas dimensões fundamentais como a *origem* e o *direcionamento* das questões que se apresentam; o componente *político* essencial e norteador das ações; e, com especial destaque o *popular* que sugere encaminhamentos de ações, acompanhadas de seus aspectos *éticos* (diálogo, solidariedade, tolerância, coletivo...) e *utópicos* (autonomia, liberdade, igualdade...) que, para o momento, tornam-se uma exigência social.

Essa metodologia (filosofia) encerra em si a educação popular, tida como um fenômeno de produção e apropriação dos produtos culturais, pelo trabalho, expresso por um sistema aberto de

⁶ Pesquisa a respeito da compreensão de *popular*, realizada entre dirigentes de movimentos sociais e partidos políticos que se reivindicam da dimensão do *popular* em seus projetos estratégicos de sociedade, no Estado da Paraíba, em 2002, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB.

ensino e aprendizagem, constituído de uma teoria de conhecimento referenciada na realidade, com uma pedagogia incentivadora à participação e ao *empoderamento* das pessoas e do coletivo, com conteúdos e técnicas de avaliação processuais, permeado por uma base política estimuladora de transformações sociais e orientado por anseios humanos utópicos de liberdade, justiça, igualdade e felicidade.

São processos educativos inseridos no desenvolvimento de empreendimentos solidários populares que conduzem para a conquista de valores éticos e morais e que fundamentam um instrumento de combate à exclusão social, em busca de ocupação, efetivada pelo trabalho e promovendo renda – *a economia solidária popular*. Esses processos educativos contribuem para a proposta deste tipo de economia cujo projeto é a reformulação do modo de produção e, também, das práticas pedagógicas que estarão direcionadas para o desvelamento do mundo para a transformação da realidade. O fomento aos *empreendimentos solidários populares* apoiados por *incubadoras populares*⁷ tem sido uma ação de organizar a produção e reprodução da sociedade, tentando eliminar tantas desigualdades materiais. A incubadora vem se constituindo como um instrumento para a efetivação deste processo produtivo e educativo em bases de uma educação especial.

Incubadora popular

Como ambiente onde se realiza boa parte desse processo educativo de incubação, as incubadoras populares concretizam a idéia de que podem contribuir, de forma expressiva, para a organização da sociedade, nesse caso, dos setores empobrecidos, voltadas à promoção de atividades associativas. Uma contribuição à organização das pessoas premidas pelo desemprego para que assumam ocupações no campo do trabalho, apossando-se de mais renda e procurando melhoria em suas condições de vida. Uma incubadora direcionada pelos marcos gerais dos princípios cooperativistas e atenta ao exercício da extensão universitária, sendo esta entendida como um trabalho social. Uma incubadora nesses moldes é uma importante ferramenta para a fundação e para o exercício de uma série de empreendimentos democráticos voltados, substancialmente, ao exercício da *autogestão*, como um estilo alternativo de vida e de sociedade. Esse tipo de incubadora é um meio de implementação da metodologia em discussão. Metodologia que tem sido considerada pioneira em práticas de movimentos sociais voltadas à produção coletiva. Também pode ser considerada inovadora como projeto que gera ocupação (trabalho) e renda. Implementa-se como um modelo de ação de combate ao desemprego e à exclusão social, promovendo ações de inserção social, alimento de outras relações sociais, a partir da inserção econômica. É a procura de alternativas a um sistema que sempre foi desfavorável aos trabalhadores. Também não se volta, exclusivamente, ao cooperativismo, mesmo sendo as cooperativas populares uma resposta a uma economia que sofre muitas mudanças em todo o mundo.

Fomentando a criação de cooperativas, nos grupos é exercitada uma metodologia que colabora para organização burocrática das mesmas, veiculando princípios inerentes à solidariedade humana, como: receitas revertidas para a própria cooperativa e para os associados; aprendizagem coletiva de que essa população atingida pode administrar bem os seus empreendimentos; estudo permanente das questões do empreendimento; afirmação da *autogestão* como um caminho social e político para a democracia com a tomada de decisão, rigorosamente, coletiva. Mesmo que convivendo com a ótica de mercado, esta não é a experiência do mercado dominante. Insere-se em um outro movimento social pela construção de uma economia que seja solidária e consolide relações sociais em feitos populares.

Incubadora em universidade, como projeto que qualifica o trabalho acadêmico, incorpora a compreensão da extensão como trabalho social, útil, imbuído da intencionalidade de pôr em mútua correlação o ensino e a pesquisa. Portanto, é social na medida em que não será uma tarefa individual; é útil, considerando que esse trabalho deverá expressar algum interesse e atender a uma necessidade

⁷ Instrumento de fundação e exercício de princípios e valores democráticos e socialistas voltados, substancialmente, às práticas de autogestão, em empreendimentos solidários populares, como um estilo alternativo de vida.

humana – atendimento de necessidade de valores éticos e renda. Todavia, *como se desenvolve esse processo educativo – incubação - assentado nos valores da educação popular?*

Momentos educativo-populares da incubação

Este percurso de realização de empreendimentos em cooperação, por meio de incubadoras de *empreendimentos solidários populares*, assim visto, assenta-se em uma metodologia (filosofia) direcionada para um outro projeto de sociedade com suas características diferenciadoras, portanto. Experiências várias nesse campo vêm mostrando três importantes momentos. Momentos constituídos de vários movimentos como expressão de sínteses dos condicionantes práticos e teóricos de grupos de incubadoras e de grupos em processos organizativos para produção. Este primeiro *momento* pode-se denominar de *pré-incubação*. Este, por sua vez, pode ser constituído de dois outros movimentos: um movimento inicial de aglutinação de grupos ainda inexistentes para voltarem-se à ocupação e renda. Um segundo movimento que pode partir de grupos já existentes ou em processos de produção. Este momento revela um percurso e exercício que vai do mundo real, concreto, ao exercício do pensar de todos, em seu conjunto. Mesmo que as coisas já apareçam nas cabeças dos participantes em forma definitiva surgem como abstração, mas esse exercício de pensar tem como ponto de partida aquilo que há de concreto ao grupo. Esse movimento de pensar o concreto, que mesmo estando dado, externa um conjunto de condicionantes que precisam ser

Sistematizados para tornar possível a compreensão do mesmo. Esta não está explícita em sua aparição, simplesmente, contudo o pensar essa realidade, esse dado, depende dele mesmo. Um caminho que se desloca para abstrações, tendo como anterioridade esse concreto. Por isto, é que este início do concreto fundamenta o momento seguinte – um caminho de abstrações para novas abstrações, mantendo o objeto concreto de análise e de preparo para a produção. Um momento em que se utilizam técnicas variadas como reuniões informais, reuniões sistemáticas, dinâmicas de grupo, dramatização, tempestades de idéias e seminários para a quebra da 'cultura do silêncio', à criação de espírito de equipe e de socialização dos conhecimentos individualizados e composição definitiva do grupo, construindo proficiente diagnóstico.

O segundo *momento* traduz-se como produto de síntese das abstrações anteriores dos envolvidos no objeto para ser produzido, podendo-se denominar de *incubação*. Aliás, a realidade também é produto de abstrações e por isso exige mais reflexão para sua compreensão. Esta é a caminhada para um *plano de negócio* que seja sustentável econômico, social, local, ambiental e culturalmente. Instalam-se momentos de organização do empreendimento, os cenários de produção e análise da qualidade da matéria prima e do produto trabalhado. Um movimento de abstrações já existentes para o encontro com novas abstrações que se assentam para uma percepção mais abrangente do objeto econômico e das condições para se viver e se realizar, a partir dele. Um movimento de abstrações definidas no primeiro momento para novas abstrações para se chegar a uma maior inteligibilidade desse real estabelecido – o algo a ser produzido e posto no mercado. É um momento de nova síntese, pois envolve as abstrações de todos os participantes do grupo sobre o negócio que se imagina para o desenvolvimento do produto, pois esta realidade lhes é exterior e independente. É um momento de pesquisa na descoberta das necessidades, das limitações e potencialidades do grupo em *incubação* até o envolvimento interdisciplinar dos conhecimentos para a elaboração do plano de negócio. Um momento de cursos, estágios, vida coletiva, promoção de associações de grupos de empreendimentos e redes, assessorias contábil e jurídica, processo de legalização, qualificação técnica para a produção e mecanismos de divulgação para comercialização.

Um momento cuja compreensão se realiza pela discussão teórica e por ações cooperativadas e autogestionárias nas próprias incubadoras e empreendimentos. Segue o esforço político de estímulos à participação que significa atuar no planejamento, opinando, discordando e facilitando a aplicação das deliberações e avaliando-as, ficando clara a definição de pactos de convivência. Momento em que cada um torna-se mais rigoroso e mais compreensível, também. Um movimento de abstrações que possibilita percepção mais cristalina dos momentos de participação de todos para o exercício da autonomia e para assegurar a *autogestão*, enquanto seja conquistado e garantido que nenhuma decisão tenha intervenção de forças externas ao empreendimento. Assim, assegura-se ao grupo a sua própria

organização e não algo que seja feito para ele, por ele ou até sobre ele. Tudo isto, sedimentado num lastro educativo guiado pela dimensão cultural e popular. Este fazer está sendo mas, ainda, não é. Aliás, a educação que não se transformasse ao ritmo da realidade não 'duraria', porque não estaria sendo, como diria Freire (1979). Uma metodologia, uma filosofia que se pauta, pela exercício do sujeito para admiração e readmiração da realidade, pela aprendizagem da problematização, pela prática da crítica, pela autonomia das pessoas, pela busca da liberdade e pelo esforço ao exercício do diálogo. Também, não se pode conformar por uma prática que 'leva' conhecimentos técnicos ao povo ou fatos aos grupos dos empreendimentos e nem se admite a permanência de qualquer valor da cultura conservadora estabelecida que dificulte essa organização.

Metodologia que se conduz por uma teoria do conhecimento que não promove um conhecimento que transforma o sujeito em objeto, recebendo docilmente e passivamente os conteúdos desse conhecimento e da própria produção do conhecimento pela pesquisa. Um conhecimento que exercita a invenção e a reinvenção curiosa do humano em relação ao mundo. Ao mundo do mercado com sólida análise de seu contexto e instrumentos de educação política e técnica. Este momento configura-se como aquele em que os participantes elevam-se para o exercício de coordenação desse empreendimento, elaboram seu planejamento, dirigem-no, finalmente.

Metodologia que fomenta a *ação cultural* (Freire, 1976), conduzindo-se pela *colaboração* enquanto promove o diálogo entre aqueles que até podem saber pouco. Estes, contudo, sempre sabem algo. Assim, todos podem saber mais. Pela *união* enquanto promove a superação da divisão e pelo *empenho* organizativo incessante de empreendedores solidários populares, contrapondo-se à manipulação e ao assistencialismo. Valoriza a ordem, a disciplina. Afirma-se a autoridade e se respeitam as diferenciadas visões presentes nos empreendimentos solidários e populares. Ação cultural que além de produzir algo torne-se em momentos de educação definido por valores éticos como o diálogo, autoconfiança, solidariedade, exercício de prática e da teoria, respeito às pessoas e justiça, Enfim, ação cultural que seja para a igualdade e para a liberdade.

O percurso da abstração promovida pelo debate crítico e pela organização produtiva do momento anterior abre o terceiro *momento* que é o avanço do grupo da dimensão das abstrações para as concretudes realizadas para afinar, com suas próprias forças, os seus objetos produzidos e submetidos ao mercado. Este terceiro momento compõe-se de dois movimentos importantes. Um movimento de retorno ao mundo concreto do mercado, trespassado de várias análises e favorável à comercialização exitosa. Segue-se, finalmente, o movimento de constatação de que o empreendimento está sedimentado e em condições de independência suficiente de vida própria. Um movimento que não significa uma separação total da equipe da *incubadora* e os membros do empreendimento. Uma convivência tênue conduzida por meros desejos futuros de apoio às necessidades surgentes nesse novo caminho. Um momento em que

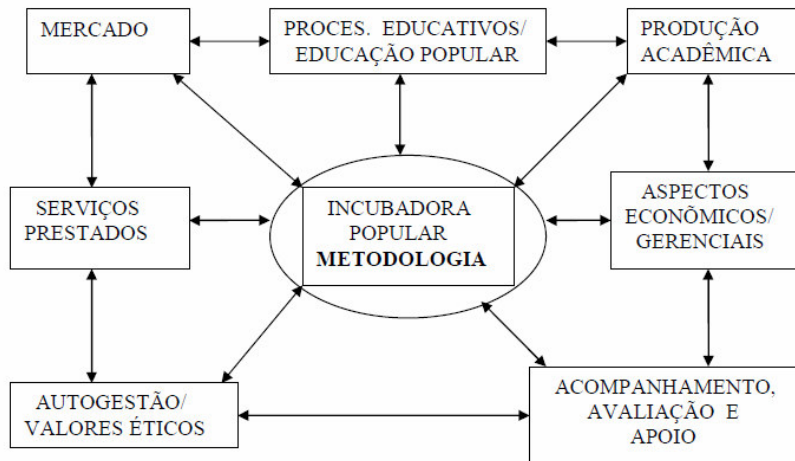
as análises continuarão tendo por base a realidade que se impõe, de forma independente, mesmo que estejam sendo pensadas ou não. Ela simplesmente cobra novos estilos de ser abordada com novas categorias teóricas, mantendo o pressuposto da anterioridade dessa realidade. Luzes claras às condições de emancipação do grupo empreendedor solidário.

Aqui, vai um esforço grande do grupo na expectativa de avanços a partir de suas análises críticas sobre si mesmo. A tentativa de que se sinta parte de um passado superado e possa entender-se como vivente de um momento diferente. Este momento marca a necessidade de que o grupo da incubadora inicie a sua retirada para se viabilizarem outros empreendimentos solidários populares em novos ambientes. Este momento metodológico pode ser denominado de *pós-incubação/desincubação*.

Há de se perguntar: *quando é que este momento aparece, mesmo?* Parece razoável que os critérios de observação das condições do grupo de gerenciar o empreendimento em termos de coordenação, planejamento, direção e uma sistemática disposição para avaliação de seus resultados, do que se pode e deve fazer, da disposição de ajuda coletiva, formação de parcerias e convênios, a definição de quando e como realizarem suas atividades produtivas podem ser indicadores consistentes desse momento de desincubação. Enfim, naquele momento em que o processo educativo popular esteja mostrando expressões de relações solidárias.

Considerações

Como se vê, a educação popular está inserida e expressa a construção da metodologia para incubação. Um processo educativo em condições de sempre renovação, ao ser considerado a realidade o ponto de partida dessa perspectiva. Esta realidade mantém-se em permanente mudança como mostraram os gregos (Heráclito). Atuar na realidade para a produção, voltada ao mercado que é mutante, exige uma constante renovação de análises e atualização nos encaminhamentos, em função da complexa rede de relações como mostra o esquema que segue.



A metodologia de incubação apresentada de forma sintética já parece suficiente para mostrar a presença marcante da educação popular em sua execução. Como mostra o quadro acima, isto é: uma vinculação direta ao mercado, acompanhado da produção e seus processos educativos populares com a necessária produção e aproveitamento de saberes e de outros conhecimentos que possibilitem atitudes gerenciais autogestionárias e de acompanhamento, avaliação e apoios aos processos de *empreendimentos solidários populares*.

O quadro mostra as tantas conexões e correlações em um processo de *incubação*, justificando rigorosa metodologia para a realização da *educação popular*. Mas, tudo isto só é possível com a clareza de que esta metodologia, nos marcos da *educação popular*, expressa, verdadeiramente, uma filosofia ordenadora de outro patamar civilizatório. Filosofia que nutre a perspectiva de que não cabe incentivo às pessoas para *inclusão* em qualquer tipo de sociedade, tarefa exclusiva delas mesmas, e, muito menos, para a sociedade do capital, modelo social este que não lhes estendeu as mãos.

Referências

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para liberdade*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1976.

_____. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4a. Ed. 1979.

_____. *Educação como prática para liberdade*. 14a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 1996.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844*. In: Erich Fromm. *Conceito marxista do homem*. 7a. ed. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979.

PINTO, Álvaro Vieira. *Ciência e Existência – problemas filosóficos da pesquisa científica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SINGER, Paul. Economia solidária: um modo de produção e distribuição. In: SINGER, Paul & SOUZA, A. R. (org.). *A economia solidária no Brasil: autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo: Contexto, 2000.